

## CONHECIMENTO DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE PELOTAS/RS SOBRE AS DOENÇAS CAUSADAS POR PARASITOS INTESTINAIS

MICAELE QUINTANA DE MOURA<sup>1</sup>; CIBELE VELLEDA DOS SANTOS<sup>2</sup>;  
MARYSABEL PINTO TELIS SILVEIRA<sup>2</sup>; MARIA ELISABETH AIRES BERNE<sup>2</sup>;  
MARCOS MARREIRO VILLELA<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – *micaele\_m@yahoo.com.br*

<sup>2</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – *cibele\_velleda@yahoo.com.br*

<sup>3</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – *marcosmvillela@bol.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Existem diversos estudos científicos que indicam as parasitoses intestinais como comprometedoras do desenvolvimento físico e cognitivo em crianças. Ludwing et al., (1999) afirma que as enteroparasitoses são um grave problema de saúde pública, principalmente em países em desenvolvimento, estando frequentemente associadas a quadros de desnutrição, comprometendo, conseqüentemente, o desenvolvimento físico e intelectual das faixas etárias mais jovens. “As crianças em idade escolar são as mais atingidas e prejudicadas pelas doenças parasitárias, uma vez que seus hábitos de higiene são, na maioria das vezes, inadequados [...]”. (BENCKE et al., 2006 p. 32).

A avaliação de conhecimentos e práticas por parte das populações pode servir como instrumento facilitador para a diminuição das fronteiras da informação e promoção em saúde (DIAS, 2000). A percepção que a população possui sobre as doenças tem importância no tratamento e, mais ainda, nos métodos de controle empregados para assegurar sua efetiva utilização.

É sabido que o objetivo fundamental da educação em saúde é influir no comportamento humano para gerar mudanças de atitudes que levam a doença (BRICENÕ-LEON, et al., 1993). A falta de conhecimentos sobre os parasitos, os princípios de higiene pessoal e cuidados na preparação dos alimentos, assim como o sistema imune ainda em fase de desenvolvimento, facilita a infecção e reinfecção parasitária, principalmente de crianças em áreas endêmicas (ANDRADE et al., 2010).

Cuidados com a higiene pessoal, como tomar banho todos os dias, lavar as mãos, cortar as unhas e andar calçado, são importantes formas de se prevenir parasitoses entre as crianças, assim como possuir cuidados com os alimentos, dando preferência a consumi-los cozidos, uma vez que as hortaliças e a carne têm sido consideradas um importante meio de transmissão das infecções parasitárias (ZAIDEN et al., 2008).

As verminoses são enfermidades evitáveis, e para que a população tenha acesso ao conhecimento necessário para prevenção e controle destas endemias, podem ser utilizados os bancos escolares. A divulgação de medidas educativas é uma estratégia defendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo considerada um relevante meio para o avanço na qualidade de vida, e sendo a educação em Saúde uma forma de possibilitar “o exercício pleno da cidadania mostrando-se tão eficaz quanto o saneamento básico, sendo superior ao tratamento em massa em longo prazo” (VIOL et al., 2010, p.76).

“A educação higiênico-sanitária, deveria ser pauta das aulas em escolas, principalmente das regiões mais carentes, com o intuito de que as crianças evitem

a infecção e as possíveis reincidências das parasitoses” ( MELO et al., 2010, p. 45). Mas a educação em saúde nas escolas geralmente não é suficiente para gerar mudanças de hábitos nos estudantes.

Devido aos altos índices de contaminação por parasitos que normalmente os escolares possuem, inclusive no município de Pelotas (VILLELA et al., 2003), buscou-se verificar se o aprendizado que os alunos recebem nos bancos escolares é suficiente para que esses estudantes passem a conhecer e a se prevenir dessas parasitoses, uma vez que muitas das mesmas podem ser facilmente evitáveis, e a escola pode auxiliar no impedimento, ou diminuição, da disseminação destas doenças entre a população através da educação.

## 2. METODOLOGIA

O instrumento da pesquisa foi constituído por um questionário semi-estruturado adequado a linguagem de alunos de ensino fundamental, esse foi aplicado em todas as turmas de 6ª e 7ª séries de uma escola estadual da cidade de Pelotas/RS, no mês de dezembro de 2012, totalizando 121 estudantes, sendo que 62 se encontravam na 6ª série e 59 na 7ª série no momento da coleta de dados. O questionário visava obter informações sobre os conhecimentos que os discentes possuíam sobre as principais parasitoses que ocorrem na região sul do Rio Grande do Sul, e as medidas necessárias para evitá-las.

O intuito da pesquisa foi avaliar se houve aprendizado e se esse é suficiente para que os alunos apresentem transformações comportamentais que permitam a eles eliminar ou diminuir as infecções por parasitos. A pesquisa foi autorizada pela escola através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Os dados coletados foram triados e tabelados para serem posteriormente analisados. Nas questões objetivas houve uma tabelação direta dos dados, nas questões dissertativas (qualitativas), quando possível, as respostas foram agrupadas em categorias semelhantes para facilitar a análise.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sujeitos da pesquisam possuíam média de idade de 13 anos, sendo 57,02% pertencentes ao sexo feminino e 36,36% ao sexo masculino, 6,61% dos entrevistados não informaram no questionário o sexo.

Dos 121 entrevistados 27,27% alegaram residir em região onde o esgoto não é tratado, colocando esses indivíduos em situação de risco quanto a aquisição de enteroparasitoses e 2,27% não responderam. 99,17% dos alunos consideravam importante lavar as mãos antes das refeições e desses 13,22% admitiram não o fazerem antes de todas as refeições, 7,43% dos alunos disseram não lavar frutas e vegetais antes de comê-los e 1,65% dos entrevistados afirma não lavar as mãos sempre após ir ao banheiro, 0,82% não responderam.

Foi perguntado aos alunos se eles sabiam o que são verminoses. 50,41% responderam que sabiam e 47,10% que não, e 2,47% anularam a questão.

Quando perguntado quando se está contaminado por vermes onde eles se “localizam na pessoa”, a maioria dos alunos afirmou genericamente que os vermes ficam na “barriga” (46,28%) sem especificar em que órgão. 23,96% não responderam. 21,48% citou erroneamente o estômago como sendo o órgão de

eleição e apenas 4,95% cita o intestino como local do corpo que alberga esses parasitos.

Quando questionado quais os sintomas causados por verminoses, a maior frequência foi “dor de barriga” (33,88%), um sintoma bastante genérico, poucos sintomas mais específicos foram lembrados, como diarreia (7,43%), inapetência (4,13%), coceira (2,47%), cansaço (1,65), ainda surgiram respostas como “sente coisas se mexendo por dentro” (1,75%), “vontade de comer doce” (1,65%), e 28,09% dos alunos não responderam essa questão. Observa-se que muitas das concepções que os estudantes possuem a respeito dessa questão estão equivocadas e/ou fortemente ligadas a mitos populares.

Quando indagado “para onde vão os vermes depois que eles saem da pessoa”, os alunos citam como respostas o esgoto, fezes, vaso sanitário, e que saem pelo ânus, com 14,87%, 12,39%, 11,57% e 2,47%, respectivamente, o que indica o conhecimento da relação de parasitoses intestinais com a eliminação desses pelas fezes, mas não necessariamente o entendimento da relação das fezes com a contaminação ambiental que leva a infecção/reinfecção, apenas 0,82 dos estudantes identifica o solo como sendo um local onde podem ser encontrados parasitos e 54,54% não responderam a questão.

Os dados demonstram que os alunos conhecem algumas medidas para evitar a aquisição de vermes, pois quando foi perguntado quais seriam essas medidas foi citado lavar as mãos (45,45%) e lavar alimentos (34,71%), mas foi pouco lembrado cuidados com a água (7,43%), também houve poucas citações de medidas simples como usar calçados (3,30%) e cozinhar alimentos (0,82). Os pesquisados demonstram a manutenção de crenças populares, como a de que a diminuição da ingestão de doces seria uma medida preventiva (16,52%), informa-se que 21,48% dos discentes não responderam.

A questão para a avaliação de quais parasitos os alunos já ouviram falar foi induzida, sendo fornecida aos estudantes algumas opções. A alternativa que surgiu com maior frequência foi o *Ascaris* sp. (95,04%), seguido pela *Taenia* sp. (78,51%), *Ancylostoma* sp. (66,94%) e *Esquistossoma* sp. (60,33%). Os que foram menos lembrados, ambos com a mesma frequência, foi bicho-geográfico e *Enterobius* sp., ambos com 14,87%.

Foi perguntado aos estudantes se eles já tiveram vermes, 48,76% responderam que sim, 47,10% que não, 2,47% não responderam, 1,65% anularam. Dos alunos que responderam que já tiveram vermes, 54,23% afirmam que descobriram a verminose quando “saiu, botou nas fezes”.

Dos 54,23% de alunos que afirmam ter expelido vermes através das fezes, 65,62% responderam na questão que indaga para onde vão os vermes depois que saem da pessoa, “esgoto, saem pelo ânus, vaso sanitário, fezes”, demonstrando que a relação que os alunos fazem de parasitos intestinais com a eliminação fecal pode ser, não só devido a aprendizados escolares, mas também a vivências pessoais. Explicando também a falta de relação que esses fazem com a contaminação ambiental, mesmo nos casos de discentes que alegam não possuir tratamento de esgoto em sua rua.

O número de indivíduos que relatou ter expelido vermes através das fezes também chama a atenção, uma vez que isto geralmente ocorre quando se possui uma elevada carga parasitária. E essa informação vai de encontro aos hábitos preventivos que muitos alunos relataram ter cotidianamente.

Apesar de o segundo verme mais conhecido ser *Taenia* sp., com frequência de quase 80%, nas medidas de prevenção de parasitoses apenas um aluno citou cozinhar alimentos como medida preventiva.

#### 4. CONCLUSÕES

Muitos alunos se encontram em situações sociais que facilitam a aquisição de parasitoses, a escola deve ter consciência da existência dessa realidade e intervir para que esses estudantes se tornem capazes de tomar medidas que favoreçam a manutenção da saúde.

Observou-se ao longo da pesquisa que o conhecimento escolar em alguns momentos se mostrou falho, insuficiente, uma vez que os alunos mantêm, em diversas ocasiões, percepções equivocadas sobre as formas de controle e profilaxia das parasitoses.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, E. C.; LEITE, I. C. G.; RODRIGUES, V. O.; CESCA, M. G. Parasitoses intestinais: uma revisão sobre seus aspectos sociais, epidemiológicos, clínicos e terapêuticos. **Revista Atenção primária à saúde**. v. 13, n. 2, p. 231-240, 2010.
- BENCKE, A.; ARTUSO, G. L.; REIS, R. S.; BARBIERI, N. L.; ROTT, M. B. Enteroparasitoses em escolares residentes na periferia de porto alegre, RS, Brasil. **Revista de Patologia Tropical**. v. 35, n. 1, p. 31-36, 2006.
- BRICENÕ-LEON, R.; DIAS, J. C. P. org. Las enfermedades tropicales en la sociedad contemporánea. Caracas. **Editora Acta científica Venezolana y consorcio de Ediciones Capriles**, p. 282, 1993.
- DIAS, J. C. P.. Participação, descentralização e controle de endemias no Brasil. In: Barata R. B., BriceñoLeón R. Organizadores. Doenças endêmicas: abordagens sociais, culturais e comportamentais. **Editora Fiocruz**. p. 269-297, 2000.
- LUDWIG, K. M.; FREI, F.; ALVARES FILHO, F.; RIBEIRO-PAES, J. T. Correlação entre condições de saneamento básico e parasitoses intestinais na população de Assis, Estado de São Paulo. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**. v. 32, n. 5, p. 547-555, 1999.
- MELO, E. M.; FERRAZ, F. N.; ALEIXO, D. L.; Importância do estudo da prevalência de parasitos intestinais de crianças em idade escolar. **Revista Saúde e Biologia**. v. 5, n. 1, p. 43-47, 2010.
- VILLELA, M. M.; MOURA, N. O.; HOMSY, S. R.; FERREIRA, R. C.; MOURA, A.; ELIZALDE, J.; VARGAS, L. R.; BERNE, M. E. A. Prevalência de Parasitos Intestinais Diagnosticados no UFPel - Lab (Pelotas, RS, Brasil), referentes a um ano de análises. **Laes e Haes**. v. 24, n. 141, p.120-128, 2003.
- VIOL, B. M.; SALVADOR, F. C. Estudando as parasitoses através de estórias e jogos lúdicos. **Revista F@pciência**. v. 6, n. 9, p. 76-79, 2010.
- ZAIDEN, M. F.; SANTOS, B. M. O.; CANO, M. A. T.; NASCIF JÚNIOR, L. A.. Epidemiologia das parasitoses intestinais em crianças de creches de rio verde-GO. **Medicina Ribeirão Preto**. v. 41, n.2, p. 182-187, 2008.